

14

O USO DA LÍNGUA MATERNA NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Flávia Herker Lopes Bernabé

Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Araraquara.

Especialista em Língua Inglesa.

Docente dos cursos de Letras, Tradutor e Intérprete e de Especialização em Língua Inglesa da Universidade de Franca (Unifran).

RESUMO

Este artigo tem como objetivo verificar em situações específicas de ensino-aprendizagem o uso da língua materna no ensino de língua estrangeira através de uma análise qualitativa de duas aulas de língua inglesa gravadas em áudio. Os resultados da análise demonstram duas maneiras de usar a tradução, termo usado por Widdowson (1991): uma tradução que opera no nível da forma e outra que opera no nível de uso. Esse artigo também propõe uma reflexão sobre quando o uso da língua materna é visto como um recurso eficaz no ensino de língua estrangeira.

Palavras-chave: língua materna; língua estrangeira; tradução; processo ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The present article aims at verifying the use of the mother tongue in specific teaching-learning situations in the foreign language teaching through a qualitative analysis of two audio-taped English language classes. The results of the analysis demonstrates two different ways of using the translation according to Widdowson (1991): a transla-

tion that operates at the level of usage and another that operates at the level of use. This article also proposes a reflection on when the use of the mother tongue is seen as an efficient tool in the foreign language teaching.

Key words: mother tongue; foreign language; translation; teaching-learning process.

INTRODUÇÃO

O uso de L1 (Primeira Língua/Língua Materna) pelo aluno durante o processo ensino-aprendizagem é quase inevitável já que o aluno faz uso de sua língua materna para a aprendizagem da LE (Língua Estrangeira). A estratégia de transferência lingüística usada pelo aluno, ao aprender a LE, é baseada no conhecimento que ele tem de sua língua materna, ou seja, o aluno já sabe a L1 e sabe como usá-la, e isso, lhe permite formular hipóteses, fazer inferências, deduções e comparações com a LE. *“All second language learners, regardless of age, have by definition already acquired at least one language. This prior knowledge may be an advantage in the sense that the learner has an idea of how languages work.”* (LIGHTBOWN; SPADA, 1993, p. 21).

Porém, o uso de L1 para o ensino de LE é um assunto controverso porque, para muitos professores, a língua materna “distrai a atenção do aluno dos meios pelos quais a língua estrangeira expressa significados” (WIDDOWSON, 1991, p. 36). Sendo assim, essa distração pode acontecer desde que ela se realize pelo nível da forma (tradução de frase por frase ou palavra por palavra), do contrário, os alunos podem se servir do uso de L1 para a aprendizagem de LE.

Para contextualizar esta discussão, o presente artigo se propõe a verificar em situações específicas de ensino-aprendizagem (salas de aula) o uso da língua materna no ensino de LE através de uma análise qualitativa de duas aulas de língua inglesa gravadas em áudio.¹

TRADUÇÃO NO NÍVEL DA FORMA *VERSUS* TRADUÇÃO NO NÍVEL DE USO

Para Widdowson (1991), o uso de L1 ou da tradução, termo que foi usado por ele, pode operar tanto no nível da forma como no nível

1. A análise qualitativa das aulas mencionadas, bem como a transcrição integral das gravações, se encontra na dissertação de mestrado da autora: BERNABÉ, F. H. L. *A competência comunicativa como estratégia para o ensino da língua inglesa*. 2003. 158p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.

de uso. A primeira é quando a tradução implica relacionar as duas línguas frase por frase ou palavra por palavra e a segunda acontece quando o aprendiz é capaz de reconhecer atos de comunicação como descrição, instrução, identificação e outros mais que na LE são expressos de uma maneira e na sua própria língua de outra. Assim, a tradução no nível de uso é vista como um recurso eficaz, uma vez que o aluno aprende a relacionar e comparar as diferentes maneiras de se expressar na língua materna e na LE.

Segundo Platero (2002), o professor deve manter, ao máximo, o uso da LE, pois é ela que os alunos estão aprendendo. Para essa pesquisadora, muitas vezes, a tarefa realizada pelos alunos recai no uso da L1 porque os alunos ficam com medo de errar, inibidos ou não têm nada a dizer.

[...] Para minimizar esses problemas, uma das saídas é o trabalho em grupos, aumentando o tempo de participação de cada aluno e diminuindo a inibição. Facilitar o nível da linguagem utilizada também dá mais segurança aos alunos e a escolha de um tema interessante aumenta a motivação e a participação. Mantenha ao máximo, o uso da língua-alvo; afinal, é ela que os alunos estão aprendendo. Por fim, lembre-se que o professor é, sim, um modelo de oralidade para o aluno. Não há falta de recursos materiais que impeça totalmente a prática da produção oral em sala de aula. Não nos esqueçamos da riqueza inigualável dos recursos humanos de que dispomos: professor e alunos. (PLATERO, 2002, p. 3).

Para Faleiros (2004, p.54) “concentrar-se muito na tradução pode impedir que os alunos usem o conhecimento que têm da língua estrangeira. Sendo assim, fica claro que a tradução tem lugar no ensino de língua estrangeira, mas não deve ser usada aleatoriamente.”

Se usada mais que o necessário, a tradução pode levar os alunos a acreditarem que este é o único meio que têm para aprenderem as sutilezas da língua ou eles ficarão dependentes da tradução para entenderem certos pontos gramaticais ou

de vocabulário, os quais eles consideram mais difíceis de assimilar. (ZENY apud FALEIROS, 2004, p. 54).

Para verificar o tema proposto neste artigo acerca do uso da língua materna no ensino de LE, são apresentados e discutidos alguns segmentos da análise qualitativa de duas aulas de língua inglesa gravadas em áudio.

No exemplo (1), o professor trabalha o tempo todo com a L1, ou seja, as explicações são em português e ele está sempre checando com a tradução para saber se os alunos entenderam o que está sendo ensinado. O professor pede para que os alunos não tentem fazer a comparação entre as duas línguas (português e inglês), porque às vezes se tem a mesma estrutura, mas outras vezes isso não ocorre, quando se está explicando: *You are standing/You are sitting*.

(1)

Prof. "*they are standing in the living room*" o que que é o verbo *STAND* e aqui tem que explicar ((riu)) sabe por quê?²

AL: levantar?

Prof.: não veja só em português você fala assim ele está de pé... ele está de pé ou está sentado? não ele está de pé ou então ele está sentado não é isso? em inglês a estrutura entende o seguinte se você está de pé você... começou a ficar de pé e continua a ficar de pé a ação em inglês está acontecendo é por isso que você fala assim olha... *you are sitting* o que que eu estou falando você está sentado em português eu falo você está sentado mas a ação não está acontecendo e não continua acontecendo? inglês usa pra sentado e de pé usa *present continuous* por quê? porque a ação está acontecendo... não é isso? veja J. o que que você falaria pra mim J. me fala você está de pé.

AL1: *you are standing*?

Prof.: *you are standing* e eu diria pra você *you are you are*

2. Abreviaturas utilizadas: nas transcrições, utilizou-se **Prof.** para professor e **AL** para aluno. Muitas vezes utilizou-se **AL1**, **AL2**, **AL3** etc. para diferenciar os vários alunos que participaram das aulas. Quando o nome do aluno foi mencionado, apenas a letra inicial foi utilizada.

AL *sitting*

[

Prof.: *sitting* e o problema gente é quando a gente traduz porque as línguas usam estruturas diferentes em português você fala ele está sentado participio passado ele está DE PÉ é diferente não tentem fazer a comparação porque às vezes é a mesma estrutura às vezes não é como nesse caso então *they are STANDING* como é que fica a tradução... elas estão...

AL: em pé

Prof.: de pé

AL: de pé

Prof.: ou em pé *in the living room*

AL: na sala

Vejamos outro exemplo da aula analisada no segmento abaixo:

(2)

Prof.: “*they are looking for an apartment*” veja aqui na lousa classe... o verbo... esse verbo *look* veja aqui verbo *look* dependendo da preposição que você puser depois dele ele muda o significado completamente se você disser *look AT* que que é *look at*?

AL: olhar para

Prof.: olhar para *look at me look at me look at her look at him* já... a preposição *for* *look FOR* é procurar *look for* procurar *look after* tomar conta existem outras preposições (vagas) que nós podemos pôr depois do *look* vamos ficar com essas três... só pra vocês saberem que depois do verbo *look* vão aparecer várias preposições as quais vão mudando o significado do verbo.

AL: *look after*?

Prof.: *look after*? tomar conta então olha guardem *look AT* o que que é?

AL: olhar para

Prof.: *look for*

AL: procurar

Prof.: *look after*

AL: tomar conta

Prof.: muito bem e se eu disser *I'm looking for my book I'm looking for my book*

AL: olhando para o li/

[

Prof.: *look for*

AL: procurando

AL: procurando pelo livro

Prof.: *I'm looking for my book* e aí na lição o que é que está dizendo? olha

AL: procurando por um apartamento

Prof.: *"they are looking for an apartment"*

AL: procurando um apartamento

Verifica-se no exemplo (2) que a tradução no nível da forma é utilizada, pois o professor seleciona as estruturas que julga serem importantes para ensinar as regras subjacentes ao sistema lingüístico, como é o caso dos *phrasal verbs* (verbos seguidos de preposições as quais mudam totalmente o sentido da palavra): *look at*, *look for*, e *look after*. Além do mais, há sempre a tradução de palavra por palavra para relacionar a língua materna e a língua inglesa.

(3)

Prof.: mas não é isso o mais importante aqui que o vocabulário é isso aqui olha *"Lynn is LIVING"* veja só na lousa isso aqui é importante olha alguns verbos... os terminados em e por exemplo olha ((professor escrevendo na lousa)) que verbo é esse *live*?

AL: morar

Prof.: morar antes de acrescentar o ING o que que acontece? perde o e... fica assim olha *"she is living"*

AL6: *with*

Prof.: *with her aunt and uncle in a small apartment*... eu não gosto muito de tradução não mas vamos traduzir essa frase aqui vamo lá *Lynn*

AL: vive com

Prof.: não vive não *IS LIVING*

[

AL6: mora com

Prof.: não mora

AL1: está morando

Prof.: está morando

AL: com seus tios né... em um pequeno apartamento... e ela vive infeliz né?

Prof.: *she IS unhappy*

AL: ela está está infeliz

Prof.: ela está infeliz... ou ela *É* infeliz ela

[

AL: ela é infeliz

No exemplo (3), há uma confusão com os verbos **viver** e **morar**, uma vez que em inglês só existe o verbo *live* para representar ambos os verbos em português. Outro conflito é com a frase que o aluno traduziu por **ela está infeliz** e o professor considerou **ela está infeliz... ou ela É infeliz** já que o verbo *to be* corresponde ao verbo ser ou estar. No entanto, em português, **ela está infeliz** ou **ela é infeliz** apresentam duas circunstâncias situacionais diferentes.

Como verificamos em (1), (2) e (3), o professor utiliza-se da L1 para explicar a forma gramatical e o léxico e falar de outros assuntos da aula, recorrendo à língua inglesa apenas para exemplificar a gramática e o léxico apresentados. Dessa forma, a tradução no nível da forma é utilizada.

Segundo Widdowson (1991), a utilização da tradução no nível de uso pode ser útil para a aprendizagem da LE, uma vez que a tradução se constitui em uma experiência do uso da linguagem e não apenas de estruturas gramáticas (tradução no nível da forma). Assim, o uso da língua materna pode ajudar o aluno a ser tornar consciente da força comunicativa que tem a LE aproveitando-se do exemplo de funcionamento da sua própria língua.

(4)

Prof.: *ads* com/ cuidado pra não falar o que *AIDS* /eydz/ né é outra coisa ((risos))
o que que é *AIDS* gente?

AL: imunidade

Prof.: ah?

AL: síndrome da imune deficiência adquirida

Prof.: ((risos)) é é isso aí... é assim oh ((professor escrevendo na lousa)) vou ()
AIDS é em português a gente fala *AIDS* /aydz/ né isso aqui é uma sigla na verdade que é a sigla pra isso aqui olha *A-C-Q-U-I-R-E-D-I-M-M-U*
vou ver se eu lembro *I-M-M-U N-I-T-Y D-E-F-I-C-I-E-N-C-Y S-Y-N-D-R-O-M-E*

AL6: teve uma vez que eu estava na escola... devia ter uns dez anos né que o povo falava que a *AIDS* era... agora idiota dorme sozinho

Prof.: ((riu)) como é que é?

AL6: agora idiota dorme sozinho ((risos))

Prof: então veja olha só só pra ilustrar melhor lá o *ads ads* é a abreviação de *advertisement* anúncio cuidado pra não pronunciar... *aids* /eydz/ que é uma sigla pra *acquired immunity deficiency syndrome* ou seja qual é a tradução disso aqui passe isso aqui pro português.

AL: síndrome da imune deficiência adquirida

Prof.: síndrome da imune deficiência adquirida né... lá em Portugal eles falam.

AL: SIDA

Prof.: SIDA ((professor escrevendo na lousa)) só não foi SIDA no Brasil pra

num...porque no Brasil tem as Aparecidas que são chamadas Cida ((risos)) e fatalmente ia ter se bem que Cida é com c mas/ao se pronunciar então ia ter gozação em cima da Cida com certeza.

AL: ((vozes incompreensíveis))

AL: igual tiveram que mudar igual tiveram que mudar (o que ocorreu com) Bráulio lá ((riu))

Prof.: exatamente lembra do Bráulio lembra do Bráulio né ((risos)) ((vozes incompreensíveis)) ((risos)) ok então veja lá “*right now Lynn is reading the apartment ads to the newspaper*” ok E. five.

Verifica-se no exemplo acima que os alunos utilizaram o conhecimento de sua própria língua, numa experiência de uso de linguagem e não simplesmente de formas gramaticais. Assim, a aprendizagem da língua inglesa pode ser aplicada à associação da língua-alvo com a língua que esse aprendiz já conhece. “O nosso objetivo é permitir que esse aprendiz venha conhecer a língua estrangeira da mesma maneira que concebe a sua própria língua materna e a usá-la da mesma maneira como atividade comunicativa (WIDDOWSON, 1991, p. 215).

(5)

Prof.: *ok so... here you have a paragraph... someone's paragraph about a trip ah:: he's going to... TAKE you answered the questions in exercise three b just to help you to write your paragraph... I asked you to discuss them in your groups to correct mistakes ok? or to... correct the verb tense maybe you used will and it was going to ok? so... you are going to hand in a paragraph about your next TRIP you can use the answers here and you can ADD other things BUT... pay attention to something... you are not only going to... ah:: for example... here you answered the questions you are not going to... get the answers and copy the answers because sometimes here you have... is anyone going to travel with you?... so to answer the question you... wrote ah:: yes ah:: G. said my girlfriend is going with me... do you need this yes to write your paragraph?*

AL.: *no: ((vozes indistintas))*

Prof.: *no ok? so the the answers are here the questions and the answers just to HELP YOU don't only copy them... you need... also to join sometimes you are going to join sentences linking words ok? if you are going to describe a sequence of events like AND BUT ah:: THEN I don't know... so is it clear?*

AL: ()

Prof.: *ah yes but if you know what you are going to do L. because...*

[

AL1: deixa eu falar eu não

AL1: tô entendendo

Prof.: *pardon?*

AL1: ((risos)) não tô entendendo

Prof.: *you didn't understand anything*

AL1: é isso mesmo ((risos))

Prof.: *you didn't understand anything*

AL2: YES

[

AL3: *(I didn't understand the answers)* ((risos))

Prof.: *can anyone explain even in Portuguese? what do you have to do?... ((silêncio)) ((risos)) class what do you have to do?*

AL7: é pra fazer...

[

Prof.: T. ok

AL3: ((vozes incompreensíveis)) você não respondeu o b? respondeu?

[

Prof.: shh

AL1: respondi

AL3: então aqui no parágrafo você vai escrever... de acordo com as suas respostas...
mas às vezes você tira uma palavrinha da sua resposta ()

[

AL10: você não vai fazer igual
((vozes incompreensíveis)) colocar outras coisas... e colocar os conectivos
nas frases [

AL3: é isso

AL1: ah tá obrigada

AL5: mas éh...((risos)) poder usar tudo o que a gente já estudou

No exemplo (5), o professor não se importou com a explicação dos alunos até mesmo em português, pois o que ele queria era a colaboração de todos para assegurar a intercompreensão, utilizando estratégias para se fazer compreender, compreender o outro e encaminhar a conversa de forma mais adequada. Isso mostra que os falantes de uma língua não são apenas competentes de um ponto de vista lingüístico, mas também têm competência comunicativa e textual. “Não se trata, portanto, de produzir enunciados para um falante da mesma língua, com o intuito de trocar informações, mas de organizar a fala de maneira a compreender e se fazer compreender” (BRAIT, 1993, p. 195).

(6)

Prof.: *just a second just a second what... listen to T. class what she's saying shh excuse me... could you pay attention (here)? ((ruído)) ((vozes incompreensíveis)) yes class could you pay attention here? what... listen to me what T. is saying is really important... this is what we teachers... try to tell you... all the time ok? could you repeat?*

AL3: ((riu)) *in Portuguese in English?*

Prof.: *IN ENGLISH*

[

AL: *IN ENGLISH* ((vozes indistintas))

AL3: *ok éh:: I told her éh:: she... we need to watch some videos and... to SEE what in what way you do... in your classes I think I will do like you... like a song you are... teaching us... a song () activity and I copy this with my students*

Prof.: *did you... did you listen to her?*

AL: *yes ((vozes distintas))*

No exemplo (6), ao contrário do exemplo (5), o professor prioriza o uso da língua inglesa na sala de aula, provavelmente porque o uso da língua-alvo é viável para uma situação de uso real da língua. Dessa forma, o aluno está exposto a LE para que ele a incorpore e a desenvolva.

Para evitar o uso da língua materna, o professor utiliza outros recursos, assim como figuras, inferências, conhecimento de mundo, conhecimento partilhado e outros mais para levar o aluno a entender o que está sendo estudado, sempre pedindo a colaboração do aluno, envolvendo-o, assim, no processo ensino-aprendizagem.

(7)

Prof.: *any words you don't know?*

AL2: *windbreaker*

Prof.: *windbreaker is:: ah an anorak do you know anorak?*

AL: *no*

Prof.: *no*

AL2: *anorak?*

Prof.: *it's a kind of coat... I'm going to show you a picture yes this is ah look here this is a windbreaker yes you have a hood ok? look here this is a windbreaker... ok P. T. this is a windbreaker...((ruído)) it's a kind of coat but you have got a hood look here... yes? ((vozes incompreensíveis)) a short coat and it has got a hood... yes?... this is a windbreaker... or anorak in British English... a short coat yes any other words you don't know?*

Verificamos nos exemplos (4) e (5) que o uso de L1, nessas situações específicas de ensino-aprendizagem, pôde garantir a intercompreensão do discurso, juntamente com a colaboração dos alunos para ajudá-los com o uso da língua inglesa. Sendo assim, conforme afirma Widdowson (1991), a tradução que opera no nível de uso é útil, por possibilitar o reconhecimento de atos de comunicação que são expressos na LE de uma maneira e na língua materna de outra.

No entanto, nos exemplos (6) e (7), o uso da língua inglesa foi prioridade na sala de aula, pois é ela que os alunos estão aprendendo. Assim, ficaria difícil para o aprendiz de língua inglesa aprender a se comunicar oralmente nessa língua-alvo uma vez que ele não fala o máximo possível na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que fizemos, nos exemplos analisados, foi refletir sobre o uso da língua materna no ensino de língua estrangeira através da análise qualitativa de duas aulas de língua inglesa.

Assim, temos a tradução que opera no nível da forma uma vez que a tradução relaciona as duas línguas palavra por palavra ou frase por frase e a tradução que opera no nível de uso que permite o aluno reconhecer diferentes atos de comunicação nas duas línguas (português e inglês).

Os alunos devem estar expostos o máximo possível à LE que estão aprendendo para que possam atingir a fluência na língua e só devem recorrer à L1 para garantir a intercompreensão do discurso e reconhecer as diferentes maneiras de se expressar na LE e na sua própria língua.

REFERÊNCIAS

BRAIT, B. O processo interacional. In: PRETI, D. (Org.) *Análise*

de textos orais. São Paulo: FFCH/USP, 1993. (Projetos Paralelos. v.1. p. 189-214).

FALEIROS, M. H. V. *A influência de atividades orais na produção oral e escrita de alunos de inglês como L2*. 2004. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Práticas Educativas) – Universidade de Franca, Franca.

LIGHTBOWN, P. M.; SPADA, N. *How languages are learned*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

PLATERO, L. *Trabalhando habilidades, construindo competências: leitura e escrita*. Disponível em: <<http://www.sbs.com.br>>. Acesso em: 17 jun. 2002.

_____. *Trabalhando habilidades, construindo competências: compreensão e produção oral*. Disponível em: <<http://www.sbs.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2002.

WIDDOWSON, H. G. *O ensino de línguas para a comunicação*. Tradução de J. Carlos P. Almeida Filho. Campinas: Pontes, 1991.

